

CONTAINER

Das águas do Mar Mediterrâneo ergue-se o Monte Carmelo, embaixo estão o porto e o centro histórico de Haifa, junto ao topo estão os novos prédios, nas encostas as construções em estilo de mansão, que surgiram a partir dos anos 30.¹

Escondidas entre edificações de pedra, aço e concreto encontram-se as últimas casas de cobre remanescentes. De longe elas se parecem com sólidas e antigas construções de pedra, mas são na verdade casas pré-fabricadas. Em 1933 e 1934 elas foram trazidas pelos refugiados judeus. Os componentes do telhado e das paredes foram desenvolvidos e pré-fabricados na Alemanha, embalados em caixas para o transporte de navio até Haifa, levados montanha acima e por fim montados nas encostas do Carmelo.

Desde então as casas se modificaram, seus proprietários as remodelaram, ampliaram, instalaram aparelhos de ar condicionado e antenas de satélite. O vento cheio de sal que sopra do mar de Haifa se incrustou na pátina artificial que deveria proteger o cobre da intempérie, e podem-se ver as riscas finas verde-claras da chuva de inverno.

Essas casas escuras, de um aspecto até certo ponto decadente, não combinam com a luz clara e brilhante da região mediterrânea. Apesar de sua aparência peculiar, as casas de cobre continuam sendo casas modernas, mesmo que não sejam brancas, como os tão visitados e admirados ícones da modernidade, a Bauhaus em Dessau ou as construções projetadas pelos alunos da Bauhaus em Tel Aviv, que o tempo, a poeira e a fuligem tornaram amarelo-cinza.²

.....

1 Ver Herbert, Gilbert; Sosnovsky, Silvina. *Bauhaus on the Carmel and the Crossroads of Empire. Architecture and Planning in Haifa during the British Mandate*, Jerusalem: Yad Izhak Ben-Zvi 1993; Sonder, Ines, *Gartenstädte für Erez Israel. Zionistische Stadtplanungs visionen von Theodor Herzl bis Richard Kaufmann*, Hildesheim, Georg Olms Verlag 2005, em especial p. 176-191.

2 Fiedler, Jannine, *Social Utopias of the Twenties. Bauhaus, Kibbutz and the Dream of the New Man*, Wuppertal: Müller und Busmann 1995; Metzger-Szmuk, Nitza, *Dwelling on the Dunes, Tel Aviv, Modern Movement and Bauhaus Ideals*, Paris: Editions de l'Éclat 2004; Stiftung Bauhaus Dessau (org.), *Bauhaus in Israel. Tel Aviv, Haifa, Jerusalem und der Kibbutz*, Berlin: Jovis Verlag 2006; Wahrhaftig, Myra, *Sie legten den Grundstein. Leben und Wirken deutschsprachigen Architekten in Palästina 1918-1948*, Tübingen, Ernst Wasmuth Verlag 1996.

As casas de cobre, essas casas pré-fabricadas alemãs em Israel, representam o lado sombrio da modernidade. A casa própria, até hoje um símbolo de segurança e abrigo, provém de um país do qual seus proprietários tiveram de sair fugidos. A capa protetora não é tão firme e segura como parece.

Não sabemos se as casas de cobre têm uma memória, não sabemos se os medos e os sonhos de seus moradores estão armazenados nelas; o luto e as lágrimas pelos parentes e amigos que não puderam fugir a tempo da Alemanha, sua pátria, e foram assassinados nos campos de extermínio. Não sabemos se as casas remetem à lembrança dos esforços do novo começo, da dificuldade de se inventar uma nova identidade. Não sabemos se elas evocam a lembrança da felicidade e do orgulho por se ter não só encontrado, mas também criado um novo estado, uma nova pátria.

Nós saímos à procura das histórias dessas casas, dos seus inventores, construtores, moradores. Elas contam da esperança e do desespero, da expulsão e de um novo começo. Na sua ambiguidade, sua escuridão e sua inquietante profundidade, as casas de cobre são o testemunho daquilo que é e do que poderia ser uma pátria.

Nós lemos nas folhas de cobre e as casas nos contam suas histórias.

Berlim, 1931. A família de empresários Hirsch é um exemplo da ascensão econômica e social de alemães de confissão judaica no século 19. A família já deixou para trás há muito tempo o universo dos guetos judaicos, ela pertence ao establishment da República de Weimar. O conglomerado de empresas Hirsch é o mais importante produtor e comerciante de cobre e latão da Alemanha, e com a “Nova Fábrica” em Messingwerk bei Eberswalde o complexo possui a maior e mais moderna fábrica de metais não ferrosos da Europa.

Mas a fábrica, concebida em tempos de guerra, ainda não está com seu potencial esgotado. A firma lança assim um novo empreendimento: a construção de casas de cobre. A clientela é ampla; a oferta vai da suntuosa mansão rural para a alta classe média até à pequena

casa de preço acessível para a família do trabalhador. Cada casa pode ser montada no espaço de um dia, ou seja, num piscar de olhos está pronta para ser ocupada. Diante de seus olhos, os Hirsch veem bairros inteiros com edificações produzidas industrialmente, todas irradiando a quente tonalidade vermelha das folhas de cobre. Por um *Reichsmark* o quilo, as casas próprias viajam embaladas em caixotes desde a fábrica até o porto em Hamburgo; a casa de cobre iria se tornar um produto de exportação para o mundo inteiro.

E apesar de a família se mostrar preocupada diante dos desfiles dos nacional-socialistas, dos *slogans* difamadores e das batalhas de rua, eles olham com otimismo para o futuro, tendo como pano de fundo sua própria história.

O Rabino Naftali Hirsch Gumprecht, o patriarca da família, muda-se no final do século 18 do gueto de Frankfurt para Halberstadt, uma pequena cidade ao norte do Harz, para exercer suas atividades na Klaus Synagoge.³ A comunidade local leva uma vida relativamente tranquila e é respeitada para além dos limites de Halberstadt.⁴ Seu filho mais velho Aron, nascido em 1783, escolhe, porém, um caminho diferente daquele que seu pai havia previsto. Apesar dos exaustivos estudos do Talmude, ele não se torna rabino, e sim comerciante. Assim começa a história de sucesso econômico e social da família Hirsch.

De seu falecido sogro Joseph Goslar ele recebe em 1806 uma pequena loja de sucata, a pedra fundamental para o futuro conglomerado Hirsch. Aron estabelece novos laços comerciais, adquire resíduos de metal em minas na região do Harz em Oker, Clausthal e no então distrito de Mansfelder Land, revendendo para fundições da região. Em 1807, Halberstadt se torna parte do novo reino de Westfália, estando assim sob domínio francês. Os judeus adquirem direitos

.....
3 Auerbach, H.B., "Die Uranfänge der Firma 'Hirsch, Kupfer- und Messigwerke A.G.' Ein Beitrag zur Kultur- und Wirtschaftsgeschichte der Juden in Deutschland", in: *Zeitschrift für die Geschichte der Juden* 9/1972, p. 65-70.

4 Dick, Jutta (org.), *Wegweiser durch das jüdische Sachsen-Anhalt*, Potsdam: Verlag für Berlin-Brandenburg 1998; Klamroth, Sabine, "Erst wenn der Mond bei Seckbachs steht". *Juden im alten Halberstadt*, Halle/Saale: Projekte-Verlag, 2006.

civis plenos, e mesmo que estes direitos tenham sido mais uma vez restringidos em parte em 1808,⁵ sua situação social e jurídica melhora consideravelmente. Aron Hirsch também tira proveito desse cenário, tornando-se em 1811 representante da Administração de Fundições do Reino de Westfália.

Na vizinha Prússia, a ideia do “aperfeiçoamento civil”⁶ dos judeus também ganha espaço. Em 1812 o rei da Prússia promulga, no âmbito das reformas de Hardenberg, o *Judenedikt*, Decreto sobre os Judeus, que declara a população judaica como “cidadã e habitante nativa do estado prussiano”. Mas após a Batalha de Leipzig em 1815, quando Halberstadt passa ao domínio da Prússia, o decreto de 1812 não é estendido aos territórios adquiridos, anteriormente sob domínio napoleônico.

Apesar dos distúrbios políticos, Aron Hirsch estabelece novos laços em outras regiões e amplia a esfera de seus negócios. Do simples comércio de metais ele passa a investir na sua exploração e processamento, aluga uma manufatura para produzir caldeiras de cobre para as cervejarias do Harz. Em 1828 ele traz seu filho para a direção da empresa, que passa a se chamar “Aron Hirsch & Sohn”. A transferência dos negócios para a próxima geração está preparada.

Em 1829 a Aron Hirsch & Sohn adquire uma manufatura, a “Kupferhammer von Ilsenburg”. Mas em sua região administrativa o Conde de Stolberg-Wernigerode não garante aos judeus a liberdade de se estabelecer nem de exercer atividade profissional. Ali vigora ainda a antiga *Judenordnung*, ordem jurídica que limita ao extremo os

.....

- 5 Com o *Décret infâme* emitido por Napoleão os direitos civis recém-adquiridos foram reduzidos, especialmente as liberdades de exercer atividades comerciais e de estabelecer negócios foram limitadas e colocadas à mercê das autoridades locais.
- 6 O conceito de “Aperfeiçoamento Civil” provém do texto de Christian Wilhelm Dohm publicado em 1871, *Über die bürgerliche Verbesserung der Juden* (Berlin/Stettin 1781; reimpressão Hildesheim: Georg Olms Verlag 1973). A publicação, que defendia a “Emancipação dos Judeus”, teve uma influência que ultrapassou a Prússia, chegando à Assembléia Nacional Francesa, que concedeu direitos civis plenos aos judeus franceses. Este processo influenciou por sua vez a Prússia: o “Aperfeiçoamento Civil” tornou-se uma figura de pensamento predominante na administração prussiana “iluminista”.

direitos dos judeus. A empresa é obrigada a efetuar a compra através de um intermediário não judeu.⁷

A industrialização da Alemanha caminha a passos largos na primeira metade do século 19. Aron Hirsch & Sohn investe, junto com alguns proeminentes de Halberstadt, numa usina de laminação movida a energia hidroelétrica que produz folhas de cobre e chumbo. O empreendimento torna-se um sucesso e a partir da metade do século 19 a usina de cobre de Ilsenburg fornece para as indústrias-chave em crescimento da Alemanha: a construção de locomotivas e a indústria mecânica. Num intervalo de aproximadamente 50 anos, o pequeno comércio de sucata de uma família judaica torna-se um ambicioso empreendimento industrial e comercial.

Os Hirsch continuam expandindo e em 1863 segue-se o novo marco na história da empresa: Joseph, que conduz a firma desde a morte de seu pai, adquire juntamente com seu irmão mais novo Gustav a fábrica de latão do reino da Prússia em Eberswalde, uma cidade situada 50 quilômetros ao nordeste de Berlim.

Os dois irmãos passam a dividir então a direção da empresa, que se torna cada vez maior. Gustav muda-se para Eberswalde e dali encarrega-se do setor de produção, Joseph cuida do comércio de metais em Halberstadt. Junto com seu filho Benjamin, que fala bem inglês, francês e russo, ele torna a Aron Hirsch & Sohn uma empresa de atuação internacional, com laços comerciais com empresas na Bélgica, França, Áustria-Hungria e Itália. Nos anos seguintes, a Aron Hirsch & Sohn abre filiais no mundo inteiro, atuando nos Estados Unidos, na Austrália e na Ásia. Em 1877, Benjamin Hirsch é o único membro-fundador de origem não britânica na bolsa de metais de Londres.⁸

Enquanto isso, Gustav transforma a usina de latão de Eberswalde em uma das maiores empresas industriais da região. A especialidade

.....
7 A Aron Hirsch & Sohn só conseguiu adquirir o registro oficial como coproprietária da Kupferhammer em 1895; ver "Uranfänge", p. 69.

8 Ver Fraenkel, Abraham Adolf, *Lebenskreise. Aus den Erinnerungen eines jüdischen Mathematikers*, Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt 1967, p. 25 em diante.